

CAPÍTULO 1

Ir ao Inferno e encontrar um diabo

Onde é que eu me fui meter?

O rapaz baixo e um pouco nervoso cerrou as mãos com mais força dentro dos bolsos do sobretudo e forçou as pernas a mexerem-se com firmeza. À sua frente um clarão de luzes obrigava-o a piscar os olhos. Estava encadeado e confuso. Descerrou um dos punhos e levou maquinalmente uma das mãos ao rosto, tirou os óculos e esfregou os olhos. Voltou a meter a mão no bolso. Decidiu seguir em frente, embora a sua vontade fosse fugir dali.

A música deste lugar é igual à do consultório do meu dentista, pensou o rapaz, que, depois de receber o

desagradável impacto da luz, se sentia agora incomodado com o som que ouvia: uma melodia cheia de flautas, violinos, uma sucessão de harmonias que tinham como finalidade agradar. Porém, o rapaz não se sentia nada satisfeito.

Com a cabeça no ar, o nariz espetado para cima como se farejasse, o olhar errático perdido nas luzes do teto, aproximou-se sem se aperceber de uma pessoa que passava, apressada, empurrando à frente dela uma coisa com quatro rodas.

E foi assim que tropeçou. E foi assim que o Vicente caiu miseravelmente dentro do carrinho de supermercado.

— Desculpe! Eu... hã... — O rapaz lá se desvencilhou do emaranhado da cabeça, do sobretudo e das compras da cliente, e acabou por olhá-la de frente, embaraçado. — Não sei onde tinha a cabeça, desculpe.

— Eu acho que tu tinhas a cabeça dentro do meu carro de compras! — respondeu-lhe a cliente, virando costas com um movimento de ombros que pareceu ao Vicente um gesto de infinito desprezo.

Eu sabia que não devia ter vindo às compras, resmungou o Vicente, alisando o sobretudo como se alguma vez tivesse estado engomado. Por que raio

decidi comprar pão e leite? Bolachas e água chegavam, caramba! Preparava-se já para seguir em frente, percorrendo o primeiro corredor daquela câmara de tortura, quando bateu com a mão na testa.

Um carro de compras! Caí num, mas do que eu preciso é de um. Voltou então atrás e atrapalhou-se durante uma eternidade até perceber que o carrinho de compras só se soltava dos outros se lhe metesse uma moeda na ranhura. Nunca estivera num lugar que lhe parecesse tão complicado. Na verdade, nunca estivera num supermercado sozinho. Agora tinha de voltar lá para dentro, e isso parecia-lhe muito penoso.

Vagueou entre os corredores, completamente perdido. *Se ao menos o João estivesse aqui...* A ideia agradou-lhe. O seu mais recente amigo era, aos olhos do Vicente, alguém capaz de se desenrascar em qualquer situação. *Ou a Clara. A Clara é mais sensata do que qualquer adulto, vir às compras no supermercado deve ser uma brincadeira de crianças para ela.* Perdido nesta reflexão aflita, o rapaz depressa se apercebeu de que já passara duas vezes pelo mesmo corredor sem conseguir encontrar manteiga, pão ainda menos. A muito custo, abordou um casal de idosos que conversava animadamente.

— Desculpem, por acaso sabem dizer-me onde posso encontrar pão e leite? É que...

— O leite é no segundo corredor à esquerda, jovem. O pão é na padaria, lá ao fundo — responderam-lhe em unísono.

— Obrigado, eu... — O Vicente ia começar a conversar com os velhotes, só para não se sentir completamente sozinho naquele lugar hostil, mas o casal virou costas e continuou em alegre tagarelice.

Bem, isto não pode ser assim tão difícil, eu não sou assim tão nerd. Toda a gente vem às compras, não é nada de extraordinário. Lembrava-se bem do termo depreciativo com que o mimavam na escola. *Nerd!* A palavra referia-se a alguém com enormes capacidades e competências em tecnologias e cenas complexas, mas também com grandes dificuldades de relacionamento social e tremendos problemas para resolver as coisas mais básicas do quotidiano. O Vicente sabia que esse rótulo se lhe colava à testa como uma tatuagem.

Durante muito tempo estivera-se nas tintas. Dizia a si mesmo que até tinha orgulho em ser diferente do comum dos mortais. Dizia a si mesmo que era *especial*. Mas o que sentia, no fundo, era uma formidável humilhação por ser fora do

comum. E por ter sido, durante tanto tempo, posto de parte por todos.

Até que os amigos haviam chegado à sua vida, numa aventura que ainda lhe custava acreditar que tivesse mesmo acontecido. Juntamente com os vizinhos João e Clara, e com a amiga deles, a Sari, tinham descoberto uma rede de contrabando de resíduos informáticos tóxicos, que operava nas barbas de todos, no coração da cidade, ao lado do bairro onde moravam.

Desde esse episódio, o Vicente passara a ser olhado como mais um deles. Na verdade não era exatamente mais um. Tudo nele era pouco comum. Vivia sozinho numa casa enorme, com dez grandes salas vazias menos uma: o Lab, onde colecionava computadores em rede, uma extensa biblioteca e, no canto, um borboletário em forma de gaiola enorme, dentro do qual esvoaçavam centenas de exemplares raros de borboletas e mariposas que o rapaz alimentava e cujo ciclo de vida fotografava e registava em grandes cadernos.

Nada era vulgar nele. Tendo a mãe morrido quando ele era criança, vivia de uma choruda mesada enviada por correio pelo pai, sempre ausente em viagens de negócios.

Nada era banal no Vicente, que se atrapalhava numa simples ida ao supermercado.

Ao fim de algum tempo a vaguear, encontrou finalmente o leite e depois o pão. Na secção dos laticínios escolheu a primeira manteiga que vira; fez o mesmo na padaria. Aquelas escassas compras pareciam ridículas dentro do carro de supermercado, mas pouco se importou. Sentiu que tinha cometido uma proeza enorme e decidiu sair dali o mais depressa que pôde.

Percebeu logo que tinha de se alinhar numa fila e esperar pacientemente a sua vez. Ali tudo parecia ter regras: tirar as compras do carrinho e dispô-las num pequeno tapete rolante que levava à caixa. Estava quase...

A empregada da caixa passou os dois alimentos pela registadora.

— São três euros e cinquenta cêntimos. Deseja saco?

— Hum... hã... Não, é desperdício de plástico, levo na mão — respondeu o Vicente, que já imaginava o modo de encafiar as compras nos bolsos do sobretudo. A funcionária ficou à espera. Depois repetiu:

— Três euros e cinquenta cêntimos!

Ah, pagar, espera... O Vicente agarrou a carteira e tirou nervosamente uma nota de cem euros. A empregada franziu o sobrolho.

— Não tem mais pequeno?

— Hã... Não... Na verdade não tenho, eu...

— Com um olhar reprovador a rapariga tirou-lhe delicadamente a nota das mãos e devolveu-lhe uma boa quantidade de notas. O rapaz guardou-as envergonhado, enquanto procurava pôr os víveres no bolso. Não podia explicar à empregada que nunca fazia compras e que nunca tinha trocos. Todo o dinheiro que tinha era levantado mensalmente em notas grandes ao balcão do banco onde o seu pai tinha conta.

— Obrigado, boa tarde — despediu-se o Vicente.

— Boa tarde e volte sempre! — devolveu a rapariga.

É o voltas, pensou ele enquanto se dirigia, em passadas tão largas quanto podia, para a saída. A porta estava mesmo ali à frente, as luzes intensas e o som enjoativo do supermercado a ficarem para trás. *Está quase...*

Subitamente o som de uma campainha estridente ouviu-se em todo o supermercado, quase

perfurando os ouvidos do Vicente. Parou, atordado.

— Tu aí, vem cá.

Um homem muito magro, de olhos pequenos e pele amarelada, tinha o braço esticado e o dedo apontado para ele. O rapaz obedeceu-lhe, confuso. Aproximou-se. O homem agarrou-lhe um braço e puxou-o com maus modos para um canto. Grasnou então num tom elevado e muito desagradável:

— O que é que tu roubaste, pá?

A surpresa do Vicente não podia ser maior.

— Eu não roubei nada... Porque é que diz isso? Deixe-me, se faz favor!

— Dizem todos o mesmo. — O rosto do homem fez um esgar de troça. — Anda, vamos até ao gabinete da segurança do supermercado. Já vamos ver o que tens para aí escondido — e puxou o Vicente, prendendo-lhe o braço com uma força surpreendente para a sua envergadura.

— Mas quem é o senhor? — A voz do rapaz tremia, assim como o seu lábio inferior, tal era a perplexidade. À volta dele um número crescente de pessoas observava aquela cena com ar reprovador. O Vicente sentiu uma vergonha imensa.

— Sou o encarregado deste estabelecimento comercial — respondeu-lhe com pompa o homem. — Normalmente são os seguranças que fazem vigilância à porta, mas desta vez calhou eu ter passado por ali. Azar o teu, pá! — O encarregado tinha um sorriso fino e maldoso no olhar.

Num instante estavam dentro de um cubículo escuro que cheirava a bafio. O encarregado foi rápido a dar ordens.

— Vou ter de te revistar. Ou te portas bem e isto corre como deve ser, ou então...

— Pode revistar-me, não vai encontrar nada... — balbuciou o Vicente, já de braços no ar, completamente acabrunhado.

Então o homem pequeno começou aos poucos a apalpar o Vicente de cima para baixo, examinando-lhe os bolsos de forma meticulosa. Sacou o pão e a manteiga do sobretudo e perguntou, como se tivesse descoberto ouro:

— Ah! Isto é o quê?

— Isto... — respondeu o Vicente, que experimentava uma crescente raiva do homem à medida que ganhava domínio de si mesmo — ... isto é pão... e isto é manteiga. São as minhas compras, como pode verificar no recibo que está no bolso de trás das minhas calças.

— As tuas calças, pá! Tu tens alguma coisa dentro das calças!? — O rosto do encarregado iluminou-se: parecia ter descoberto a pólvora. — Tens de baixar as calças, rapaz!

Aquilo era o cúmulo da humilhação.

Sem querer acreditar no que estava a fazer, o Vicente desapertou lentamente o cinto, depois os botões das *jeans*, até que finalmente as calças caíram-lhe com um ruído surdo sobre as botas. Ficou a olhar em frente, boca semiaberta, enquanto o encarregado, excitado, se apressou a revolver-lhe a roupa, que jazia tristemente no chão. Depois levantou-se com ar colérico.

— Tu não tens aqui nada, mas não me enganas! Diz-me... diz depressa o que é que roubaste. — Mordia a língua como se fizesse um grande esforço, à procura da carteira do Vicente. Abriu-a e acenou triunfante, enquanto contava: — Cem, duzentos, trezentos... O que é que tu fazes com seiscentos e tal euros na carteira, rapaz? Vais-me dizer que são teus, não?

O Vicente ia dizer-lhe que sim, que tinha aquele dinheiro todo na carteira porque nunca saía com ela, que hoje havia sido uma exceção, uma maldita exceção, ia dizer-lhe que...

— Olhe lá! — atalhou de repente o rapaz, agora mais lúcido e cada vez mais indignado. — Porque é que não chama a polícia?

— Ah, a polícia — resmungou o homem. — Não serve de nada chamar a polícia, pá! Levam-te para a esquadra, identificam-te e depois não te acontece nada. Assim é melhor. Não voltas cá mais, não queremos gatunos como tu aqui.

— Gatuno? Mas pode dizer-me o que é que eu roubei?

— O alarme tocou, não tocou? O alarme nunca falha, pá!

Foi então que o Vicente explodiu. Acumulara toda a tensão dos últimos cinco minutos, a que se somava a má energia da última hora a fazer compras num lugar que lhe era profundamente adverso. E explodiu:

— Eu não roubei nada, percebeu? As compras são minhas, OK? E as notas são minhas também! Vá mas é verificar se o seu alarme está avariado e, de passagem, chame a polícia. Mas chame a polícia agora. — E, quase num grito: — E não me volte a chamar *pá*, ouviu?

De repente o encarregado pareceu muito mais pequeno. Focou o Vicente com uma careta estranha, como se tivesse feito beicinho.

— Anda aqui uma pessoa a trabalhar e a ter de lidar com patifes como tu todos os dias — queixou-se.

— Se eu sou patife, chame a polícia! — repetiu o Vicente. — Depois se verá quem é o patife.

— Bem, por esta deixo-te escapar, p... rapaz. Mas, se te vejo aqui de novo, tu tens-me à perna, ouviste?

O Vicente não foi sequer capaz de protestar com ele: até as pernas lhe tinha visto! Furioso, vestiu as calças o mais depressa que pode, amachucou o pão e a manteiga dentro do bolso e falou, quase aos berros.

— Abra-me a porta, quero ir-me embora.

O funcionário excessivamente zeloso assim fez, e o Vicente voltou a percorrer o caminho para a saída sentindo que todas as pessoas em redor o observavam com olhares acusatórios.

Nunca passara por uma vergonha tão grande.

Lá fora, sentiu as pernas a tremer, como se tivesse perdido as forças. Sentia no corpo um intenso calor, parecia que se derretia em suor. Sentou-se maquinalmente na esplanada de um café que servia os clientes do supermercado. Pediu sem pensar um copo com água ao empregado que o

atendeu. E ali ficou, dobrado sobre si mesmo, tolhido de indignação, raiva e um enorme sentimento de impotência.

— Vicente! O que é que tu fazes aqui, meu?

O rapaz virou-se como se tivesse apanhado um choque elétrico. Em contraluz o magro vulto de uma rapariga alta, de cabelo loiro e comprido, olhava para ele.

— Sari! Não imaginas como é bom ver-te. Acaba de me acontecer uma cena que nem te conto. Muito mau, mesmo...

A rapariga passou-lhe a mão pela cabeça, num gesto quase maternal. Depois sentou-se devagar, a sorrir, e olhou-o com o penetrante olhar azul-cinza que lhe era tão característico.

— Vais ter de me explicar o que estás a fazer de sobretudo vestido e botas num supermercado. É que estamos no pino do verão, tens o cabelo todo transpirado... e tu nunca fazes compras!